

S. d. - Nov. 1968 ~~2~~

FILIN
PORTUGAL

ANGOLA
1968

AGOSTINHO
NETO
presidente do
MPLA
fala
ao povo
português

ENTREVISTA DE AGOSTINHO NETO, PRESIDENTE DO
MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA,
ATRAVÉS DOS MICROFONES DE "A VOZ DA LIBERDADE"
EM 23 DE NOVEMBRO DE 1968

1ª pergunta - A guerra estende-se hoje a 9 dos 15 distritos de Angola. Isto significa que após 7 anos de guerra a situação militar é mais grave do que nunca para o Exército Colonial. A que se deve, na sua opinião, a rápida evolução da luta de libertação em Angola nos últimos tempos? Gostaríamos que nos falasse também dos principais sucessos militares do M.P.L.A..

- Agradeço à Emissora "A VOZ DA LIBERDADE" e à F.P.L.N. de Portugal a oportunidade para me dirigir aos seus ouvintes e sobretudo aos Democratas portugueses, sobre a nossa luta pela independência nacional.

Durante bastante tempo os colonialistas esconderam o facto de haver uma luta em Angola, esconderam as derrotas que sofriam, e não anunciaram o numero de baixas causadas ao seu Exército, pelas forças Patrióticas angolanas dirigidas pelo M.P.L.A.. No seu combate consequente pela libertação do país. Esconderam também o grau de mobilização política do nosso povo apresentado a nossa luta como se ela fosse dirigida fora do país, e influenciada por estrangeiros.

Mas os factos acumulados, a persistente acção desenvolvida pelo Movimento Popular de Libertação de Angola, à vanguarda do povo angolano, não permitem mais aos governantes fascistas e colonialistas de esconder aquilo que é evidente não só aos olhos dos colonos que habitam em Angola; como também aos de todo o povo português, isto é, o grande numero de baixas, o alastramento da guerrilha, o elevado grau moral das forças patrióticas e o facto importante de estar demonstrado que a guerrilha não é dirigida de fora para dentro, mas sim, de dentro do nosso país.

Com efeito o nosso Movimento seguindo uma linha justa e tendo ao seu lado o direito moral de combater pela independência do nosso povo oprimido durante séculos, conseguiu ultrapassar certas barreiras e hoje dirige a luta em regiões cada vez mais vastas.

Não somente foram reforçadas as Frentes do Norte nas regiões onde a luta se iniciou, como também abriu novas frentes e hoje, a guerrilha está instalada em 9 dos 15 distritos em que Angola está dividida.

Há regiões controladas por nós, tanto no Norte, como no Sudeste, e aí, as deslocações do inimigo, tanto para o reabastecimento dos quartéis como para certas operações militares, são feitas pelo inimigo quase exclusivamente pelo ar, utilizando helicópteros e aviões.

Nestas regiões controladas pela nossa guerrilha, a população vive completamente livre de qualquer sujeição a estrangeiros, quer dizer aos colonialistas portugueses, outrora dominante nessas áreas.

.../...

O M.P.L.A. está organizando a pátria livre, instituindo a par dos organismos do movimento e das organizações de massas, os órgãos de administração popular, as escolas primárias, dispensários para a Assistência Médica. Os centros de Instrução Revolucionária estão a funcionar. Graças à acção patriótica dirigida pelo M.P.L.A., o nosso povo vai conhecendo a alegria, as vantagens e também as dificuldades da vida livre. Mas todas as dificuldades são superadas com entusiasmo, pois estamos certos de que não podemos conquistar a liberdade sem sangue e sem suor e não podemos ter a alegria da vitória sem participar no combate.

Estes dias são os da realização de tarefas gigantescas para conseguir que sejamos livres e possamos governar-nos por nós próprios.

A guerra não terminará senão com a nossa vitória e com a independência completa do nosso país.

Na medida em que os quadros político-militares se vão aperfeiçoando na técnica da luta e o material de guerra vai aumentando, nós estamos certos de que a palavra de ordem do M.P.L.A. se transformará em realidade, quer dizer que a luta armada se generalizará por todo o território nacional e o inimigo será atacado por todos os lados, nos campos e nas cidades, ali onde eles existirem continuando a exploração colonial.

Os maiores sucessos que temos obtido até agora, são exactamente o alastramento da luta, a mobilização do povo, os ataques sistematicos às unidades inimigas em movimento, causando-lhes baixas enormes, os ataques a quartéis e postos administrativos, o que provocou a cessação da vida do inimigo nessas regiões já anteriormente referidas.

2ª pergunta - Qual a atitude do M.P.L.A. em relação aos desertores e aos prisioneiros de guerra portugueses?

- O M.P.L.A. tem afirmado várias vezes, que nós não combatemos contra o povo português. Combatemos sim, contra aqueles que defendem um sistema colonial, ajudando a manter oprimido e explorado o nosso povo. Nós combatemos contra a mentalidade colónialista, contra a exploração económica, contra a sujeição política, pela independência, pela liberdade, e pela dignidade do povo angolano.

Nós sabemos que o povo português no seu conjunto, é também explorado por um conjunto de capitalistas portugueses e estrangeiros, que não tem liberdades políticas e que o povo português não tem vantagens nem interesses, na exploração colonial. O povo português sabe que não pode ele mesmo ser livre enquanto existir a exploração colonial em Angola, em Moçambique, na Guiné e nas outras colónias portuguesas. Enquanto houver a exploração colonial, haverá também a exploração aos trabalhadores, aos operários e aos camponeses portugueses, a ausência de liberdade em proveito de um pequeno grupo de privilegiados que constituem a classe exploradora dentro do actual sistema social português. Por isso, não existem contradições insolúveis entre os povos de Angola e de Portugal. A contradição é absoluta sim, entre o sistema colonial e aqueles que o encarnam por um lado e por outro lado o nosso povo.

O M.P.L.A. através das suas emissões na Radio Brazzaville e na Radio Tanzania, emissões que são audíveis em todo o território angolano, tem feito apelos à deserção dos soldados portugueses. Os soldados portugueses são na sua grande maioria os jovens camponeses, operários e estudantes quase sempre desejosos de se libertarem da ditadura fascista, e desejosos também de que a guerra colonial termine o mais cedo possível.

Os soldados do exército colonial, nada ganham ao defenderem os interesses dos colónialistas, os interesses dos exploradores do povo angolano, e também do seu proprio povo. Muitos deles, conheceram a cadeia, simplesmente por discórdia do regime. Todos eles vivem aterrorizados com medo da PIDE que ao mais pequeno motivo os encarcera, tortura e assassina.

.../...

O M.P.L.A. ao combater contra o sistema colonial, combate também contra a ditadura fascista, provoca o enfraquecimento da classe dirigente em Portugal, e golpeia o sistema da exploração dos povos, tanto de Angola como de Portugal, e contribui assim para uma solução democrática do problema português. Assim, todos aqueles que em Angola desertaram do exército colonial, com as suas armas ou sem elas, serão sempre bem recebidos pelos guerrilheiros do M.P.L.A. e como tem acontecido até aqui, eles encontrarão facilidades para irem para o país que mais lhes convier. O M.P.L.A. considera que não existem razões para que se já dado mau tratamento aos desertores. Desertando, lutando contra a guerra, os jovens portugueses contribuem também para a libertação dos nossos respectivos povos.

3ª pergunta - Qual a importância e significado da colaboração com o movimento democrático português?

- O movimento democrático português, que sob as mais duras condições vem lutando há dezenas de anos pela liberdade em Portugal, nós consideramo-lo um movimento aliado do nosso. Tanto os democratas portugueses como nós, lutamos contra a ditadura fascista e contra o sistema colonial. Há objectivos comuns e portanto uma natural aliança e solidariedade. Uma modificação do sistema colonial terá consequências para o povo português, assim como uma mudança do sistema português no sentido democrático, trará fatalmente consequências para a evolução do sistema colonial. Nós consideramos que esta aliança e esta solidariedade são justas, e o seu grande significado é que no futuro, quando os nossos povos forem livres não haverá obstáculos ao desenvolvimento de relações amigáveis à base de igualdade e do respeito mútuo.

Aproveito a ocasião para saudar os bravos combatentes anti-fascistas portugueses, que dentro do seu país não se poupam a esforços e a sacrifícios, para derubar o regime fascista. Uma saudação aos que se encontram nas cadeias da PIDE, arbitrariamente encarcerados, sofrendo injustiças diariamente, e a nossa homenagem àqueles que têm perdido a vida na luta implacável pela democracia em Portugal.

O povo angolano, o Movimento Popular de libertação de Angola, num interesse comum, deseja àqueles que combatem em Portugal, novos e novos sucessos.

4ª pergunta - O desaparecimento de Salazar deu lugar a algumas especulações quanto a uma possível evolução da política colonial do Governo. Fala-se da possibilidade de negociações entre colonos e o movimento nacionalista, para a formação daquilo a que começam a chamar um "novo Brasil".

- São bem conhecidas as características do fascismo colonialista português. São bem conhecidas as suas alianças dentro do Tratado do Atlântico Norte, OTAN e da sua aliança com os regimes racistas na África Austral, ou seja, com a África do Sul e com a Rodésia.

O sucessor de Salazar, dr. Marcello Caetano é um fascista e um colonialista bem conhecido e até agora, nada, que eu saiba, nada se modificou na estrutura política de Portugal que nos permita concluir sob uma possível evolução do problema colonial.

Por outro lado, se houvesse uma modificação no sistema colonial, com o reconhecimento do direito à auto-determinação do nosso povo, os capitalistas portugueses menos capazes não poderiam concorrer com os capitais estrangeiros dentro de Angola. A pouco e pouco aqueles perderiam o seu lugar ao sol e Angola cairia nas mãos de outras potências mais desenvolvidas e mais capazes portanto de explorar

.../...

em seu proveito as imensas riquezas naturais do nosso país.

Os colonos portugueses em Angola passaram a ser os empregados dos reais senhores dos Estados Unidos, da Alemanha Federal, da França, da Suíça, da Itália e de outros países. A solução neo-colonialista não é muito de prever, pelo menos, não é solução melhor para os colonialistas portugueses, a não ser que as condições de luta armada assim o exijam.

É certo que alguns colonos que ainda não estão convencidos dos direitos do nosso povo poderiam tentar em situação desesperada o estabelecimento dum regime racista em oposição ao regime de Lisboa. Nesse caso, a África do Sul, seria a potência dominante e não se poderia falar propriamente dum novo Brasil.

Mas qualquer modificação que não comporte a independência real e completa para o nosso povo, já viria tarde.

O povo angolano que luta há 7 anos, que faz sacrifícios gigantescos para resistir às investidas do vergonhoso exército colonial, nunca aceitará uma solução neo-colonialista. Se esta vier, nós continuaremos a lutar nas novas condições e prosseguiremos a nossa acção revolucionária até alcançar o objectivo até arrancarmos com sangue e com sacrifício, a independência para os filhos de Angola, até que nós consigamos aquela situação que permita ao povo angolano de governar-se a si proprio e enveredar pelo caminho do progresso e da paz.

Nenhuma outra solução é aceitável.

5ª pergunta - Quais as condições que o M.P.L.A. considera necessárias para a cessação da guerra e para a solução do problema colonial em relação a Angola?

- O problema de Angola, terá solução quando o governo de Lisboa reconhecer formal e publicamente o nosso direito à auto-determinação e à independência e por conseguinte, forem tomadas medidas concretas para que sejam libertados os presos políticos que se encontram dentro ou fora do território nacional, e, ainda evacuadas as tropas do exército colonial português.

6ª pergunta - Pedimos-lhe que dirija algumas palavras ao povo português.

- Neste momento, o povo português atravessa um período de ansiedade. A mudança do chefe do governo, permitiu que nascessem esperanças nos corações de muitos portugueses. Esperamos que a firme determinação dos democratas portugueses, a sua vontade indomável demonstrada ao longo das últimas décadas continuem a verificar-se para que em Portugal se instale finalmente um regime em que os homens sejam livres.

Desejamos para o povo português no seu conjunto, um aumento de combatividade contra o regime fascista e a utilização de meios mais apropriados para pôr fim à situação triste em que vive, e que através dessa luta comum que travamos contra o regime fascista de Lisboa, se forgem os laços de amizade e de cooperação entre os nossos povos, laços baseados na igualdade, na liberdade e no respeito mútuo.

A nossa vitória é certa.